

O PENSAMENTO DE LUÍS MOITA E A INSUFICIÊNCIA DAS TEORIAS

Nancy Elena Ferreira Gomes

O PENSAMENTO DE LUÍS MOITA E A INSUFICIÊNCIA DAS TEORIAS

Nancy Elena Ferreira Gomes

Luís Moita, entre outros autores¹, destacava dois grandes desafios às teorias das relações internacionais, em primeiro lugar, reconhecer que a teoria está indissolivelmente vinculada à afirmação de certos e determinados valores com uma dimensão ética e normativa; e em segundo, procurar os elementos relevantes, ou seja aqueles que afectam vitalmente o ser humano.

Em relação ao segundo grande desafio – não menos importante que o primeiro, como veremos –, o ser humano aparece nas suas reflexões, uma e outra vez, ora destinatário de políticas e normas ora actor ou protagonista no âmbito das relações internacionais. Referindo-se ao conceito de configuração e a sua aplicação no mesmo âmbito, por exemplo, Moita referia: “Um dos méritos deste conceito (...) é de recordar que os grandes conjuntos sociais, sendo evidentemente colectivos, não deixam de ser humanos. O anonimato das multidões não faz esquecer que elas são formadas por pessoas singulares, elas próprias um todo em si”, para concluir mais adiante,

O conceito de configuração internacional, porventura mais que os de estrutura ou sistema, pode ser particularmente adequado, enquanto modo de representação, para designar a realidade mundial nas suas várias dimensões: uma totalidade dinâmica, sujeita a transformações de monta, capaz de compensar os seus desequilíbrios críticos através de mecanismos de correcção; nela se adensam os processos de permuta e de interacção, estabelecendo redes de interdependências, onde as próprias pessoas singulares desempenham papéis relevantes.

Moita, Luís (2010: 111)

Ainda sobre as insuficiências das teorias no que diz respeito à definição do objecto de estudo, o professor argumentava, Ainda sobre as insuficiências das teorias no que diz respeito à definição do objecto de estudo, o professor argumentava,

Estamos demasiado habituados a reflectir acerca do jogo dos poderes, nos seus equilíbrios e nas suas assimetrias, bem como sobre a correlação de forças no âmbito da qual esse jogo se desenrola. Tal perspectiva é tão necessária quanto insuficiente. Necessária, como antídoto a qualquer visão de inocência, insuficiente porque nos leva por vezes a esquecer o essencial. E o essencial é que estão em causa povos, compostos por pessoas, organizadas

¹ Veja-se, por exemplo, Arenal, Celestino (1994). *Introducción a las Relaciones Internacionales*, pp. 454, 455.

em sistemas e subsistemas sociais. Essa humanização do nosso olhar é absolutamente fundamental. Impõe-se a consciência de que as decisões em política externa e a edificação da arquitectura da comunidade internacional afectam seres humanos, muito para além do anonimato dos grandes conjuntos ou da suposta impessoalidade das multidões.

Moita, Luís (2017)

A partir do ser humano, o sociólogo constrói também o seu pensamento sobre o conceito de relação, concluindo na sua “última lição” que, “O tratamento do processo de todas as relações internacionais, não é pensável se não for um processo de humanização, onde nos construímos reciprocamente e tentar não nos destruímos uns aos outros, agora em grande escala” (Moita, 2019).

Em relação ao primeiro grande desafio, o catedrático de “teorias das relações internacionais” não podia mostrar-se mais de acordo com as conclusões das análises feitas à natureza etnocêntrica das teorias ocidentais de relações internacionais², e a ideia acerca do domínio pela matriz anglo-saxónica da mesma ciência, muitas vezes ao serviço dos interesses das potências, designadamente os Estados Unidos da América, justificava-se, por isso, tentar compreender um tipo de pensamento diferente do “nosso”, superando o etnocentrismo³.

Desta maneira, a perspectiva chinesa, os tópicos recorrentes no estudo das relações internacionais na América Latina, as ideias de filósofos e políticos da Índia ou no contexto árabe, e o estudo de conceitos próprios para a interpretação do mundo em África ganhavam relevo também no pensamento de Luís Moita.

“Muito se fala da política externa do Estado chinês e do papel da China no sistema internacional”, afirmava o investigador, mas sabe-se pouco do que pensam os intelectuais chineses acerca das relações internacionais e da sua influência nas decisões políticas. A perspectiva chinesa, lembrava, desde a velha “teoria dos três mundos”⁴ até as correntes mais actuais, como a tradicionalista de Zhao

² Celestino del Arenal afirma que “Las interpretaciones formuladas en los escritos de Mencius y Confucio, en la antigua China, en el Código Manu y en los escritos de Kautilya, en lo que hoy es la India, o en los escritos de Ibn Jaldún, en el mundo del Islam, entre otros, son una evidente expresión de que la teoría de las relaciones internacionales no es exclusiva de Occidente y que históricamente ha encontrado su expresión en otros ámbitos culturales o civilizacionales” (Arenal, 2013).

³ Etnocentrismo: ver as coisas de acordo com as perspectivas do grupo a que se pertence, e todas as outras perspectivas são classificadas em relação à perspectiva do grupo a que se pertence.

⁴ Segundo esta teoria, o primeiro mundo seria o mundo das duas superpotências (de então): Estados Unidos e a União Soviética. O segundo mundo seria o dos restantes países industrializados, tanto do campo capitalista, como do campo socialista (países da Europa Ocidental e da Europa do Leste, o Canadá, o Japão, a Austrália e a Nova Zelândia). O terceiro mundo seria o dos países não industrializados: o conjunto dos três continentes do Sul, Ásia, África e América Latina, mundo dito subdesenvolvido, que se opunha à dominação do Norte industrializado, um terceiro mundo com o qual a China estava solidária.

Tingyang, o realismo moral de Yan Xuetong, e as teorias da relacionalidade construtivista de Qin Yaking⁵ – às quais podíamos adicionar, a do envolvimento criativo de Wang Yizhou –, exibem a influência de Confúcio, e mais amplamente, das sabedorias orientais.⁶

Com efeito, as teorias das relações internacionais chinesas, em construção, apoiam-se claramente em conceitos da cultura clássica que sirvam como instrumento para a interpretação do cenário internacional. Conceitos como *Tianxia*⁷ e *Guanxi*⁸, ocasionalmente usados para justificar as acções governamentais das diferentes lideranças chinesas, preconizam um modelo ideal a seguir traduzido num sistema universal, num mundo de povos, ao mesmo tempo que investir numa liderança “virtuosa” aparece como a melhor opção, facto comprovado pela longevidade de várias dinastias ao longo da história do Estado chinês (Pestana, Gomes, 2022).

Fora da Ásia, em África, um pensamento político também em desenvolvimento, e que deriva de pensadores da descolonização com ideias políticas criativas em resposta a condições políticas concretas, instrumentalizando conceitos próprios, como o Pan-Africanismo – solidariedade de africanos em todo o mundo, ou Negritude – rejeição do colonialismo através do desenvolvimento de uma identidade racial negra de africanos no mundo, entre outros.⁹ Para enriquecer o debate – evidenciando o anterior –, na literatura acerca das relações internacionais têm vindo a surgir tópicos de grande relevância desde uma perspectiva africana, como a pobreza mundial, as guerras, a intervenção humanitária, a presença china em África, e o desenvolvimento.

Na América Latina – desafiando as perspectivas anglo-saxónicas dominantes no Ocidente –, a teoria da dependência surgiu na década de 1960 como uma opção de cunho estruturalista. Raul Prebisch, lembrava o analista, propõe uma estratégia de industrialização por substituição de importações na periferia para combater os efeitos nefastos de uma economia mundial capitalista sobre os países menos desenvolvidos basicamente exportadores de matéria prima. Actualmente outras perspectivas, associadas aos movimentos indígenas, por exemplo, trazem para o debate temas relevantes como os direitos colectivos dos povos, a propriedade intelectual dos saberes ancestrais, desenvolvimento e o futuro do planeta.

⁵ Conteúdo de aula leccionada pelos Professores Luís Moita e Ricardo Sousa, no âmbito da disciplina de Teorias das Relações Internacionais aos alunos do Curso de Relações Internacionais.

⁶ *Idem*.

⁷ Literalmente significa “tudo o que está debaixo do céu”.

⁸ À letra, “relacionamento”.

⁹ Conteúdo de aula leccionada pelos Professores Luís Moita e Ricardo Sousa, no âmbito da disciplina de Teorias das Relações Internacionais aos alunos do Curso de Relações Internacionais.

No mundo árabe, a importância do simbólico como “salvar a face”, “*status*” ou “orgulho nacional”, do mediador como uma pessoa de referência com uma posição de destaque ao nível social, religioso ou cultural; da honra da tribo associada à reputação do seu líder. Mais concretamente, no mundo do Islão – ao mesmo tempo que o legado escrito de Ibn Jaldún ganha relevo –, a figura do califado desafia teoricamente o modelo do estado vestefaliano. Conceitos, como o de Umma – comunidade de crentes – com as suas referências à unidade independentemente de etnicidade, tribalismo ou sectarismo impõe-se a hora de interpretarmos realidades diferentes às “nossas”.¹⁰

Na Índia, a teoria hindu das relações internacionais surge valorizando “a experiência vivida como fonte de conhecimento” e colocando-nos o desafio de reler a história deste enorme país à luz das ideias de vários filósofos e pensadores políticos, como Manu, Valmiki, Buddha, Iqbal, Aurobindo Ghosh, Dadabhai Naroji, Tagore, e de líderes políticos, como Gandhi, Nehru, Sardar Patel, Maulana Azad (Behera, 2007).

Ainda sobre o domínio dos paradigmas anglo-saxónicos na ciência das relações internacionais, para Luís Moita aceitar a ideia de que o conhecimento científico depende de paradigmas tem implicações significativas, como questionar o objectivo da universalidade e objectividade pretendida pelas ciências sociais, urgindo, por isso, um debate entre o universalismo e o etnocentrismo ocidental das relações internacionais.

À propósito do debate necessário, as propostas chegam-nos de várias partes: para alguns académicos, chamados de “universalistas”, as teorias das relações internacionais (realista, liberal, estruturalista e construtivista, por exemplo) podem ser adaptadas e explicar as realidades não-ocidentais. Para outros, é necessário rejeitar estas teorias para o desenvolvimento de novos modelos teóricos ou paradigmas, e ainda há os que consideram que teorias não-ocidentais devem emergir em diálogo com as ocidentais. Parece-nos pois, alinhados com o pensamento do Professor Luís Moita, que o debate será mais ou menos útil na medida em que os teóricos da nossa ciência assumirem ou não as insuficiências dos modelos, perspectivas ou paradigmas em relações internacionais.

¹⁰ Conteúdo de aula leccionada pelos Professores Luís Moita e Ricardo Sousa, no âmbito da disciplina de Teorias das Relações Internacionais aos alunos do Curso de Relações Internacionais.

Referências

- ARENAL, Celestino del (1994). *Introducción a las Relaciones Internacionales*. Madrid: Tecnos.
- ARENAL, Celestino del (2013). *Etnocentrismo y teoría de las relaciones internacionales*. Madrid: Tecnos.
- BEHERA, Navnita Chadha (2007). Re-imagining International Relations in India. *International Relations of the Asia-Pacific*, Volume 7, Issue 3, September 2007. Consultado [online] em 30 de março de 2023, <https://doi.org/10.1093/irap/lcm014>.
- MOITA, Luís (2010). “O conceito de configuração internacional”. *Notas e Reflexões, JANUS.NET e-journal of International Relations*, N.º 1, Outono 2010. Consultado em 27 de fevereiro de 2023, <http://hdl.handle.net/11144/485>.
- MOITA, Luís (2017). “Intervenção Final”. III CONGRESSO INTERNACIONAL DO OBSERVARE: Para além das Fronteiras, pessoas, espaços, ideias. Consultado [online] em 15 de março de 2023, <http://hdl.handle.net/11144/3350>.
- MOITA (2019). Última lição sob o tema “O Conceito de Relação”. Áudio da última lição do Professor Luís Moita na Universidade Autónoma de Lisboa. Consultado [online] em 30 de março de 2023, <https://ualmedia.pt/podcast/luis-moita-a-ultima-licao/>.
- PESTANA, Luís; Gomes, Nancy Elena Ferreira (2022). O tianxia e a Política Externa da China, em contexto de pandemia. *Janus.net, e-journal of international relations*, Vol13 N2, Novembro 2022-Abril 2023. Consultado [online] em 1 de março de 2023, <https://doi.org/10.26619/1647-7251.13.2.4>.

